



## PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL - TEXTOS SELECIONADOS (1927-1935)

### HUSSERL E O SELO TRANSCENDENTAL DA *PSICHÉ*

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva<sup>1\*\*</sup>

A Editora Vozes acaba de lançar um importante projeto editorial encampado no interior da já conhecida Coleção Pensamento Humano: *Psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental – Textos selecionados (1927-1935)*. De autoria de Edmund Husserl, o presente volume reúne, pela primeira vez, em versão vernácula, manuscritos capitais que, por um bom tempo, permaneceram inéditos do mestre alemão; trabalhos tais concernentes ao projeto de uma psicologia fenomenologicamente orientada sob o pano de fundo de seu propositivo idealismo transcendental. Com a tradução de Giovanni Jan Giubilato, Anna Luiza Coli, Daniel Guilhermino e Felipe Maia da Silva, o precioso material agrega textos compreendidos entre 1927 e 1935. Como então se dá a composição desse estado geral da arte?

O volume contém, em essencial, três partes dispostas cronologicamente. A primeira é *O Artigo da Enciclopédia Britânica (1927)*. A segunda são *As Conferências de Amsterdã (1928)*. E a terceira, *As Conferências de Praga (1935)*.

O *Artigo* corresponde ao verbete fenomenologia destinado à *Enciclopédia Britânica*; verbete esse que passa por inúmeras revisões, trocas de correspondências com Heidegger, vindo a se materializar, inclusive, em quatro versões. Todo o esforço de Husserl em atender ao pedido junto à *Enciclopédia* é, a bem da verdade, uma espécie de resenha crítica, um balanço de sua obra, ao mesmo tempo, que assume um caráter introdutório ou, se quiser, pedagogicamente propedêutico. Para tanto, o *Artigo* reconstitui o clássico programa husserliano de uma fundamentação última da filosofia, ou seja, a sua refundação neocartesiana rebatizada sob o espírito de uma nova ciência ou doutrina: a fenomenologia. Por ciência, o fenomenólogo alemão entende, aqui, aquela acepção tradicional, grega, por excelência, como *sapientia universalis*, isto é, a ideia ou mesmo “conceito de ciência universal e absoluta” (p. 79)<sup>2</sup>. Ele, antes de tudo, evoca a fenomenologia como ontologia, ou melhor, como tarefa ou meditação infinita já que “a fenomenologia transcendental é a ontologia verdadeira” (p. 69). Isso, no entanto, não significa que esse novo empreendimento transcendental não seja antimetafísico. Como o próprio filósofo adverte: no que tange à metafísica, a filosofia fenomenológica somente é antimetafísica no sentido em que recusa toda metafísica que se nutre de fontes anticientíficas e toda metafísica que se move em ocas substruções” (p. 78-79).

O que não deixa de ser notável, nesse ínterim, é a apropriação, sem qualquer pudor, do termo psicologia para situar esse projeto; algo, aliás, que certamente deve ter gerado algum incômodo em Heidegger, seu correspondente no *Artigo*. Husserl, inúmeras vezes, insiste em compreender a fenomenologia como uma Psicologia numa acepção bem precisa: não se trata de uma psicologia qualquer, de feição naturalista, como ocorrera, por exemplo, com Brentano e seu programa de uma *Psicologia de um Ponto de Vista Empírico (1874)*. Husserl, então, preserva seriamente o conceito de psicologia. Nessa medida, se a Psicologia é a ciência que tem por objeto primacial a consciência, o domínio mais próprio da *psyché*, parece absolutamente plausível que haja (o que faltara também a Descartes, Locke e Hume) o devido e necessário esclarecimento quanto aos princípios fundamentais dessa região nuclear como *eidos* ao redor da qual gravitam nossas vivências subjetivas. O eu puro se torna, por assim dizer, o “núcleo duro”, o reduto último irredutível de toda experiência em regime de *epoché* (ἐποχή). O psicologismo realmente não dera conta dessa exigência metódica e sua explicitação ou justificação. Disso sobrevém o esforço fenomenológico inabdicável como tarefa

<sup>1</sup> \*\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>. Quero agradecer, com estima e consideração, ao professor Adriano Furtado Holanda pelo honroso convite em participar da mesa redonda com os tradutores Anna Luiza Coli e Daniel Guilhermino transcrito no dia 08 de fevereiro de 2023 no canal da Editora Vozes, o que muito enriqueceu o espírito geral da discussão que se propõe, a seguir, no formato de resenha.

<sup>2</sup> Todas as citações aqui remetem ao volume ora analisado nesta Resenha (Nota do Editor).



transcendental, a única capaz de renovar a consciência de si, vislumbrada num primeiro momento por Descartes, em sua verdadeira profundidade vital

Já as *Conferências*, em solo holandês, constituem outro marco indelével nessa atmosfera que cada vez mais se aclimata no calor do debate. Husserl imprime aí a principal tese a ser defendida: “há uma *prodigiosa coincidência entre psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental* [...]”; uma está implícita na outra” (p. 161, grifo nosso). Esse, sim, é o ponto alto das preleções, o seu coração e a sua chave. Em Amsterdã, Husserl já não se mostra mais tão comedido no que diz respeito à cooperação mútua entre ambos os domínios, a saber, o consórcio entre psicologia e fenomenologia. Isso tanto é verdade que, na sequência, ele próprio corrobora: “uma *epoché* universal e radical conduz à reavaliação [*Umwertung*] transcendental e na efetivação de uma ciência transcendental, podemos, no entanto, deslocar-nos de volta à orientação natural e atribuir a tudo o que foi constatado transcendentalmente sobre as formações estruturais de uma possível subjetividade transcendental o significado eidético de estruturas fenomenológico-psicológicas” (p. 161). Está, pois, aqui, impresso o selo transcendental de toda uma tarefa voltada, em sua evidência última, ao solo dos solos: o psíquico. É o momento em que tanto o psicólogo quanto o fenomenólogo se veem diante de um mútuo propósito, uma colaboração frutífera em termos de empreendimento.

Fechando o volume, *As Conferências*, em território tcheco, anunciam, programaticamente, algumas das mais importantes teses que seriam advogadas no curso de *A Crise das Ciências Europeias*. O autor faz aí um aceno significativo: “o problema de uma reforma radical da psicologia está irremediavelmente entrelaçado ao problema da reforma radical da filosofia transcendental” (p. 199-200). Ao dizer isso, Husserl repõe, uma vez mais, o diagnóstico de sempre: “a psicologia na crise da ciência” (p. 193) ao mostrar que tal crise se aplica igualmente à filosofia que, já em seu tempo, “ameaçava sucumbir ao ceticismo, ao irracionalismo e aos misticismos” (p. 193). Não se trata, obviamente, de desconsiderar as invenções, os êxitos técnicos, as realizações científicas, mas, sim, de compreender perplexamente “o modo como o todo da visão de mundo [*Weltanschauung*] humana se deixou determinar pelas ciências positivas e se cegar pela *prosperity* que lhes era devida, na segunda metade do século XIX” (p. 193). O nó da questão é que “meras ciências de fatos fazem meras pessoas de fato” (p. 193) e isso torna a subjetividade realmente um problema perturbador. Mais: tal estado de coisas acarreta “uma catástrofe existencial para a humanidade europeia” (p. 198). Para tanto, mais uma vez, Husserl não vê outra saída senão o de habilitar o método fenomenológico como o único recurso possível no sentido de libertar o psicólogo da posição ingênua naturalista à medida em que esse, após a *epoché* transcendental, se reconhece, agora, como um eu absoluto cujo “mundo adquire seu sentido de ser em uma comunhão íntima, puramente interna com os outros” (p. 231). Evidentemente Husserl também vê aí uma possível saída ao solipsismo, quer dizer, a compreensão sobre o quanto a subjetividade transcendental só pode se instituir enquanto intersubjetividade, algo, aliás, que não fora rigorosamente tematizado desde Descartes, Kant até o idealismo alemão. No fundo, o que Husserl insiste é na tese de que “com a *epoché* não perdemos nada do mundo que nos é a cada vez efetivo” (p. 229), mas também intersubjetivo.

Com essas posições aqui assumidas, iniciadas com o *Artigo* para a *Enciclopédia* até às *Conferências*, Husserl inflama vertiginosamente o debate fenomenológico numa prospecção para além, inclusive, do diálogo travado com Heidegger. É o caso, por exemplo, de Merleau-Ponty, quem, aliás, irá consagrar inúmeras análises críticas sobre os temas aí arrolados. Sob esse prisma, com o reportado volume, em mãos, somos levados a dar razão inteiramente ao jovem fenomenólogo francês quando à época da consulta dos manuscritos então inéditos – por ocasião de seu estágio em Louvain – reverberava muitas das intuições e reflexões neles advindas. A evolução do itinerário husserliano, em particular nesses textos, é uma paragem recorrente nos ensaios merleau-pontyanos. Prova disso, é a conferência sobre o *Primado da Percepção*, de 1946, em que nota: “costuma-se dizer que Husserl não se interessa pela psicologia. A verdade é que ele mantém suas antigas críticas ao ‘Psicologismo’ e insiste sempre sobre a ‘redução’ em virtude da qual se passa da atitude natural, que é a da psicologia, como a de todas as ciências positivas, à atitude transcendental, que é a da filosofia fenomenológica [...]. Husserl compara expressamente as relações da fenomenologia e da psicologia com a matemática e a física e espera do desenvolvimento de sua filosofia uma renovação dos princípios da psicologia”<sup>3</sup>. Três anos depois, nos cursos ministrados na Sorbonne, ele volta a observar, inequivocamente, o espírito geral que move essa seminal aliança entrevista entre fenomenologia e as ciências do homem: “o problema de Husserl é o de tornar novamente possíveis a filosofia, as ciências e as ciências humanas, bem como a coexistência delas”<sup>4</sup>. Pois bem: é essa mesma a tônica que Husserl acentua nesse material ora publicado situando-se como um projeto de longo alcance.

Ao brindar essa tradução, a oito mãos, a consagrada editora de Petrópolis dispõe ao público leitor luso-brasileiro, um material intelectual de primeira grandeza. Com a seleção de tais textos, os tradutores incluem no rol dos escritos husserlianos em língua portuguesa – como ocorre, em particular, com o projeto lusitano coordenado por Pedro Manuel dos Santos Alves – uma matéria-prima inestimável a ponto, ademais, de transcender o que seria um imediato interesse filosófico. Tal trabalho se estende a todos aqueles que bebem diretamente da rica tradição inaugurada por Husserl, em especial, os psicólogos e demais cientistas que, nela como fonte, nutrem as suas pesquisas. Nessa direção, não há dúvida de que a obra, pelo seu singular escopo, está há, poucos passos, de se tornar uma espécie de “livro de cabeceira” ou, digamos, um “manual” à disposição de todos que cultivam o genuíno labor fenomenológico.

3 Merleau-Ponty, M. (1996). *Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques*. Paris: Verdier, p. 21-22.

4 Merleau-Ponty, M. (2001). *Psychologie et pédagogie de l'enfant: cours de Sorbonne (1949-1952)*. Paris: Verdier, p. 398.